



NOTA DA REDAÇÃO¹

A “Revista Brasileira de Economia” apresenta, neste número, o texto de seis conferências pronunciadas no Rio de Janeiro, na Fundação Getúlio Vargas, durante os meses de julho e agosto de 1951, pelo conhecido economista da Universidade de Columbia, Prof. RAGNAR NURKSE, sobre um tema de grande interesse: A Formação de Capitais em Países Subdesenvolvidos. Esta é a quarta série de conferências, que a “Revista” vem publicando, de autoria de alguns dos mais destacados economistas de renome internacional, que nos têm visitado, a convite do Instituto Brasileiro de Economia (antigo Núcleo de Economia) da Fundação Getúlio Vargas.²

É interessante mencionar que o Prof. NURKSE não considerou o Brasil um país tipicamente subdesenvolvido e sim em situação intermediária entre países desse tipo e países economicamente desenvolvidos.

Na primeira conferência – As Dimensões do Mercado e o Incentivo à Inversão – o autor chama a atenção para o fato de que a formação de capitais em países subdesenvolvidos é freqüentemente prejudicada pela limitação do mercado, isto é, por uma fraqueza do lado da procura de capitais, e não somente pela deficiente oferta de capitais em virtude de um baixo nível de economias. Métodos de produção que utilizam elevada proporção de capital

¹ Nota da Redação original da Revista Brasileira de Economia, N° 4, ano 5, dezembro de 1951.

² Da 1^a série de conferências, pronunciadas pelo Professor HABERLER, em 1947 e subordinadas ao tema “Problemas de Conjuntura e de Política Econômica” a “Revista” publicou a primeira conferência no seu n° 2, ano 1º sendo a série inteira publicada no livro com o título acima referido. A segunda série de conferências pronunciadas pelo Sr. H. W. SINGER, do Secretariado das Nações Unidas em 1950, referiu-se a vários problemas econômicos de países menos desenvolvidos e foi publicada na “Revista” n° 3, do ano 4º. A terceira série de conferências foi publicada no n° 2 do ano 5º da “Revista”. São seis conferências do Prof. VINER sobre “Tendências Modernas da Teoria do Comércio Internacional”.

por operário, ou sejam, em geral, os métodos de produção em grande escala, não são econômicos quando o mercado é pequeno e a produtividade baixa. Há um círculo vicioso em virtude do qual a baixa produtividade e a renda real limitam o mercado, o qual, por sua vez, impede a adoção de métodos mais produtivos. Mostra, porém, o Prof. NURKSE que o círculo vicioso pode ser rompido. A introdução de métodos altamente “capitalistas” pode ser econômica se abranger, simultaneamente, muitas indústrias (embora não o seja em cada uma dessas indústrias isoladamente); nesse caso, em virtude da expansão simultânea, umas indústrias criam mercado para outras.

Na segunda conferência – Disparidades Internacionais de Renda e Capacidade de Poupar – o Prof. NURKSE evidencia como os altos padrões de vida dos países mais adiantados estimulam o consumo nos países menos desenvolvidos e pobres, impedindo as economias e assim a formação de capitais.

A atração exercida pelos padrões de consumo dos Estados Unidos estimula principalmente a importação dos produtos desse país, contribuindo, destarte, para uma persistente crise de dólares, além de uma tendência geral para o desequilíbrio dos balanços de pagamentos entre países pobres e ricos. Esses desequilíbrios podem ser sanados mediante transferências internacionais de renda dos países ricos para os países pobres. Mas essas transferências, dentro da atual estrutura política do mundo, nada têm de automáticas (como é o caso, por exemplo, das transferências de renda entre regiões ricas e pobres de uma mesma nação ou entre metrópole e colônias de um Império). Daí a importância das medidas tendentes a estimular as economias internas. De qualquer modo, porém, as transferências internacionais de renda não dispensariam medidas complementares internas destinadas a evitar que as transferências fossem utilizadas no aumento do consumo em vez de contribuírem para a formação de capitais.

Na terceira conferência – Fontes Internas de Formação de Capitais – o Prof. NURKSE mostra como, nos países superpovoados, o desemprego disfarçado rural, neles observado, corresponde a um potencial disfarçado de economias. Este potencial pode ser utilizado para dar impulso ao desenvolvimento econômico. Nos países de escassa população, por outro lado, não há economias disfarçadas, sendo, porém, mais fácil, mediante aperfeiçoamento de métodos de produção, isto é, sem grandes investimentos, melhorar a produtividade agrícola. O correspondente aumento da renda nacional pode ser utilizado na formação de capitais. Em muitos casos, só a

intervenção do Governo, por meio de tributação, poderá assegurar que esse aumento da renda, seja economizado. A criação dos novos investimentos pode ser deixada à iniciativa privada, mesmo que o Governo financie esses empreendimentos com recursos provenientes da tributação.

Na quarta conferência, o autor trata das Fontes Externas da Formação de Capital. Nos países subdesenvolvidos, os investimentos estrangeiros diretos se dirigem preferencialmente para os ramos de exportação (em virtude da limitação do mercado interno); além disso, hoje em dia, uma série de fatores limita extraordinariamente o fluxo de capitais estrangeiros, mesmo para esses ramos. Depois de discutir as vantagens de empréstimos e donativos de Governo a Governo, o autor examina a maneira pela qual a melhora na relação de trocas pode dar lugar a um aumento no ritmo e formação de capitais, acentuando que o efeito não é automático. Seria necessário provavelmente um aumento da tributação, a fim de destinar uma parte apreciável do aumento da renda nacional proveniente da melhora da relação de trocas às economias e aos investimentos.

Uma das mais interessantes conferências é a quinta, que trata das relações entre Política Comercial e Formação de Capitais. Acredita-se, às vezes, que o problema do incremento da formação de capitais fica resolvido quando se proíbe a importação de bens não essenciais e só se concedem licenças para a importação de equipamentos. Esclarece o Prof. NURKSE que a política comercial só pode levar a um aumento de formação de capitais quando conduz a uma elevação do ritmo das economias. Caso contrário a diminuição das importações não essenciais será compensada por um aumento da produção nacional de bens não essenciais. Em condições de pleno emprego, tão característico dos países menos desenvolvidos (exceto os superpovoados) o aumento da produção de bens não essenciais significará diminuição da produção de bens de investimento, a qual compensará o aumento da importação de equipamentos. A probabilidade de que a restrição da importação de bens não essenciais redunde em aumento das economias e não em substituição de bens importados por bens nacionais, é tanto maior quanto mais flexível for a estrutura da produção de um país.

Na última conferência o Prof. NURKSE aborda uma série de problemas teóricos relacionados com o Movimento Internacional de Capitais.*

* A tradução das conferências do Prof. NURKSE, que foram pronunciadas em inglês, esteve a cargo do Secretário JOÃO BAPTISTA PINHEIRO, do Ministério das Relações Exteriores.